

AQUISIÇÃO DE *ONSETS* COMPLEXOS EM CRIANÇAS COM DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO TÍPICO



ACQUISITION OF COMPLEX ONSET CLUSTERS BY CHILDREN WITH TYPICAL PHONOLOGICAL DEVELOPMENT

LÍDIA DE ALMEIDA CORREIA

WILSON JÚNIOR DE ARAÚJO CARVALHO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 19/03/2021 • APROVADO EM 29/05/2021

Abstract

Based on the description of the consonant cluster reduction phonological process and its implementation strategies, we describe the acquisition of complex onsets C + /r/ and C + /l/ in CCV syllables. Twenty-eight preschool children from Fortaleza-CE participated in the research. All the participants had typical phonological development and spoke Portuguese as their mother tongue. The children were between the ages of 2:0 - 5:6. The analysis of the data revealed that a) the elision of the second element of the consonant cluster is the most used strategy during the acquisition of the complex onsets, mainly in the age group of 3:0 to 3:6; b) there is no temporal difference in the acquisition rate of C + /r/ compared to C + /l/ in the investigated age groups; c) children discard the implementation strategies of consonant cluster reduction process between the ages of 4:0 and 4:6.

Resumo

Com base na descrição do processo fonológico de simplificação de encontro consonantal e suas estratégias implementacionais, descrevemos a aquisição de *onsets* complexos C + /r/ e C + /l/ em sílabas CCV. Participaram da pesquisa 28 crianças de educação infantil de Fortaleza-CE, falantes do português como língua materna com desenvolvimento fonológico típico, na faixa etária de 2:0 a 5:6. A análise dos dados revelou que a) a elisão do segundo elemento do encontro consonantal é a estratégia mais empregada durante a aquisição dos *onsets* complexos, sobretudo na faixa etária de 3:0 a 3:6; b) não há diferença temporal no ritmo aquisicional de C + /r/ em comparação a C + /l/ nas faixas etárias investigadas; c) as crianças descartam as estratégias implementacionais do processo de simplificação do encontro consonantal entre 4:0 e 4:6.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Conhecimento fonológico. Aquisição fonológica. Encontro Consonantal.

PALAVRAS-CHAVE: Phonological knowledge. Phonological acquisition. Consonant clusters.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, tratamos da aquisição oral de *onsets* complexos C + /r/ e C + /l/ nas sílabas CCV¹ em crianças em fase de aquisição do português como língua materna, na faixa etária de 2:0 e 5:6 (leia-se 2 anos e 5 anos e 6 meses), com desenvolvimento fonológico típico, estudantes de duas escolas de Educação Infantil de Fortaleza-CE.

No português brasileiro, os *onsets* complexos são compostos por uma consoante obstruinte seguida por uma consoante líquida tepe ou lateral, ambas alveolares, ou seja, a composição, no português brasileiro, será C_obstruinte + tepe (C + /r/) ou C_obstruinte + lateral alveolar (C + /l/).

Adotamos, para descrição da fonologia infantil, a Teoria da Fonologia Natural (STAMPE, 1973), que descreve a aquisição da linguagem oral por meio de processos fonológicos naturais. A descrição desses processos foi posteriormente revisada por Ingram (1976), Grunwell (1982) e, no Brasil, por Teixeira (1988, 2006, 2009, 2014). Para fins deste estudo, o desenvolvimento fonológico das crianças considerou especificamente o processo fonológico de Simplificação do Encontro Consonantal e suas estratégias implementacionais, conforme Teixeira (2009).

Considerando que não temos dados sobre aquisição de *onset* complexo em crianças fortalezenses², levantamos os seguintes questionamentos: Quais as estratégias implementacionais mais utilizadas pelas crianças na aquisição do *onset* complexo C + /r/ em comparação ao *onset* C + /l/ em cada faixa-etária estudada? Há diferença no ritmo aquisicional do *onset* C + /r/ em comparação ao C + /l/ nas faixas etárias investigadas?

¹ No tipo silábico CCV, C representa “consoante” e V representa “vogal”.

² Sobre aquisição de *onset* complexo em outras variedades do português brasileiro, consultem-se Dórea (1998), Baesso (2009), Ribas (2002) e Staudt (2008).

Quanto à estrutura do presente artigo, após a introdução, descrevemos os conceitos basilares da Teoria da Fonologia Natural; na sequência, o desenho metodológico, os resultados e as análises e, por fim, as conclusões.

2 TEORIA DA FONOLOGIA NATURAL

A Teoria da Fonologia Natural foi proposta por Stampe (1973), o qual considerou a ideia de que todo ser humano nasce com a capacidade de adquirir fonologicamente uma língua, desde que não apresente desvios ou impedimentos e que seja exposto a ela. A proposta de Stampe (1973) corrobora o modelo psicolinguístico de Chomsky (1968), trazendo, ainda, a noção de que a capacidade inata e universal de aquisição da linguagem verbal apresenta limitações que, apesar de semelhantes em todas as pessoas, não são absolutas.

Em relação a tais limitações, Dórea (1998) afirma que

as crianças superam algumas delas em seus enunciados iniciais, e depois de alguns anos, as crianças normais já conseguem dominar a maioria dos sons e sequências de sons da língua delas (DÓREA, 1998, p. 12)

As superações às quais Dórea (1998) se refere evoluem com o passar do tempo, assim, quanto mais as crianças forem expostas à determinada língua, mais seu nível de aquisição da fonologia daquela língua aumentará, até que por volta do seu 5º ano de vida, as crianças apresentam um desenvolvimento fonológico compatível a de um adulto (BAESSO, 2009), alvo para a sua aquisição.

Contudo, até que consigam pronunciar os segmentos segundo seu modelo adulto, as crianças tendem a realizar implementações em sua fala, se utilizando de substituições, apagamentos, mudanças estruturais nas sílabas e/ou palavras etc. Essas implementações não são, no entanto, aleatórias ou ocasionais, do contrário, são regulares (LAMPRECHT, 2004).

Desse modo, a Teoria da Fonologia Natural sugere que todo indivíduo com desenvolvimento típico possui um sistema universal e inato de regras ilimitadas e regulares, que expressam restrições da capacidade linguística do ser humano em estágio de aquisição fonológica de qualquer língua.

As referidas regras constituem a base da teoria em questão e são denominadas por STAMPE (1973) de processos fonológicos, que, por sua vez, no sistema fonológico de uma criança, são suprimidos, ou restringidos, à medida que a criança avança em seu processo de aquisição da fonologia de uma língua.

Como todas as teorias, a Teoria da Fonologia Natural apresenta limitações, tais como considerar a criança um elemento passivo na aquisição fonológica; não conseguir provar que os processos fonológicos são, de fato, operações mentais; e a convicção de que a criança possui, subjacentemente, uma representação de palavras igual à dos adultos.

Os aspectos positivos da teoria abordada, entretanto, superam suas limitações no contexto de nosso estudo, uma vez que consegue descrever de modo sistemático e abrangente, as simplificações da forma adulta pela criança e os padrões de erro na produção infantil; mostra de maneira clara a relação entre as formas da criança e do adulto, podendo envolver classes inteiras de sons; além de ser utilizada como base teórica tanto em estudos cujo foco é o desenvolvimento fonológico normal quanto naqueles que têm como foco o desenvolvimento fonológico desviante (CORREIA, 2012; DÓREA, 1998; MELO, 2011; PEPE, 2010).

2.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS

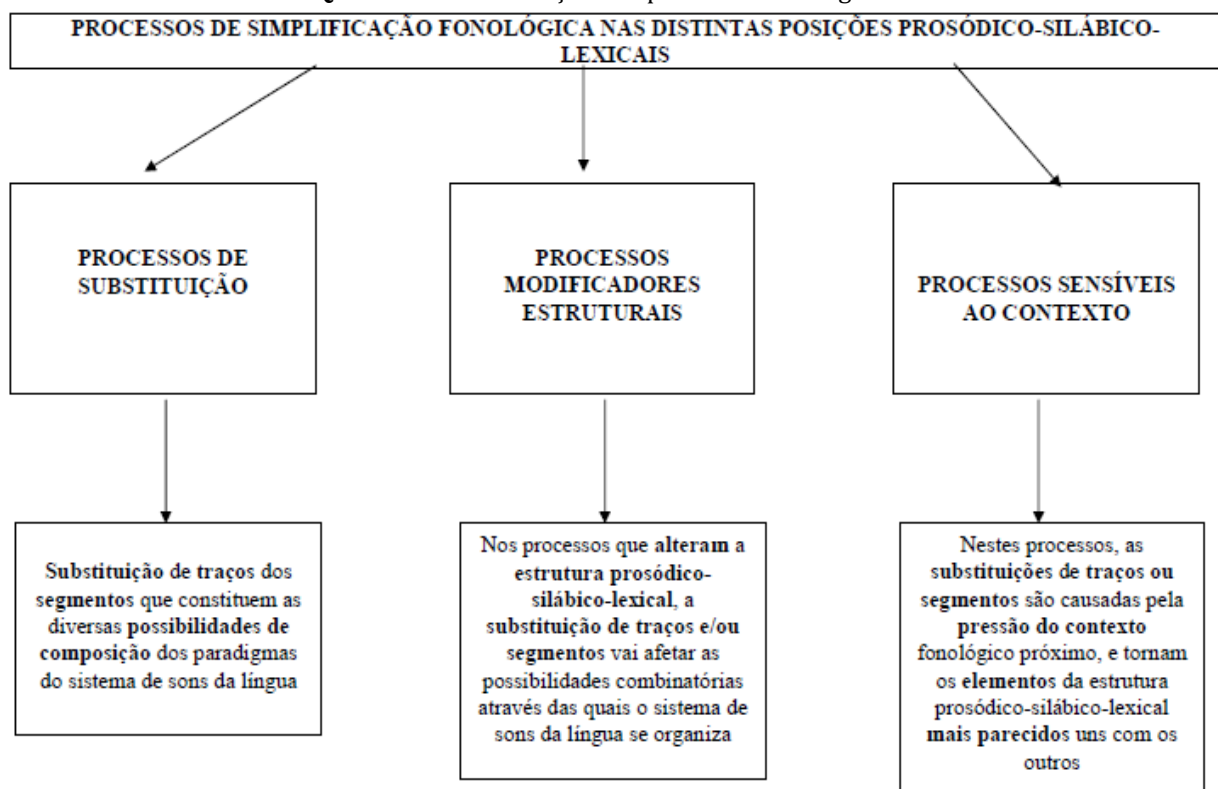
A noção de processos fonológicos foi proposta por Stampe (1973) em sua tese de doutorado, na qual o autor lança as bases da Teoria da Fonologia Natural. A ideia apresentada pelo autor é de que processos fonológicos são princípios que governam a estruturação da fala infantil por meio de um conjunto de estratégias naturais que reflete a operação de processos mentais inatos, fazendo com que o indivíduo em fase aquisicional reduza, em sua fala, a complexidade das estruturas presentes no modelo adulto.

Além disso, Stampe (1973) aponta que os processos fonológicos ocorrentes na fala de crianças, em período aquisicional, são operações cognitivas que se manifestam sob o intuito de diminuir as dificuldades articulatórias normais dos estágios iniciais do desenvolvimento fonológico e, ao mesmo tempo, conservar, ao máximo, as características perceptuais da fala para que o ouvinte não tenha problemas em identificar os vocábulos pronunciados e a comunicação não seja prejudicada.

O fundador da Teoria da Fonologia Natural atribuiu aos processos fonológicos as qualidades de naturais, inatos e universais. Assim, segundo ele, os processos fonológicos são naturais por representarem as limitações articulatórias e perceptuais inerentes ao indivíduo; são inatos porque todo indivíduo já nasce com tais limitações; e são universais porque o desenvolvimento fonológico de todo indivíduo é iniciado a partir das mesmas bases, isto é, todos os processos são vigentes no início da aquisição, inclusive aqueles que não são pertinentes para a aquisição de sua língua materna.

Outros estudiosos baseiam seus estudos nos preceitos desenvolvidos por Stampe (1973), dentre eles, Ingram (1976), Grunwell (1982) e, no Brasil, Teixeira (1988, 2006, 2009, 2014). Tais estudiosos aprimoraram e inovaram alguns pontos na teoria inicialmente proposta. Em nosso trabalho, nos deteremos aos conceitos de Teixeira (2009, 2014), por sua completude, objetividade e por ser o que há de mais atual sobre os processos fonológicos em nosso país.

Teixeira (2009) apresenta a divisão dos processos em Processos de substituição, Processos modificadores estruturais e Processos sensíveis ao contexto, como podemos observar no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Classificação dos processos fonológicos.

Fonte: Teixeira (2009)

Partindo da classificação descrita pela pesquisadora, apresentamos o processo fonológico de Simplificação dos Encontros Consonantais e as estratégias implementacionais correspondentes ao referido processo.

2.2 SIMPLIFICAÇÃO DOS ENCONTROS CONSONANTAIS

O processo de Simplificação dos Encontros Consonantais está inserido entre os processos modificadores estruturais, uma vez que, ao se simplificar a estrutura

da sílaba complexa, modifica-se também a estrutura silábica desta. Em tal processo, os encontros consonantais são simplificados pela criança segundo os padrões previsíveis. Este é um processo complexo que, segundo Teixeira (2014), evolui através de estágios diversos, de acordo com o amadurecimento fonológico da criança. Teixeira (2009) aponta que o processo de Simplificação dos Encontros Consonantais ocorre por meio de seis estratégias, a saber:

a) *Elisão* do segundo elemento do encontro – consiste no apagamento da segunda consoante - Exemplo: FRALDA como ['fawdɐ];

b) *Silabificação* – ocorre devido a inserção de uma vogal epentética entre as duas consoantes do encontro, formando, assim, duas sílabas simples, ao invés de uma sílaba complexa. - Exemplo: PLANTA como ['pẽˈlɛˈtɐ];

c) *Semivocalização* – advém da substituição da segunda consoante do encontro consonantal por uma semivogal - Exemplo: PRAIA ['pjajɐ] / GRAVADOR [gwava'do];

d) *Confusão* na realização do segundo elemento – acontece quando há troca do segundo elemento do encontro consonantal. - Exemplo: TREM ['tlɛ̃] / PLANTA ['prɛˈtɐ];

e) *Metátese* – ocorre quando o segundo elemento do encontro se desloca dentro da própria sílaba, passando a ocupar a posição da consoante final da sílaba - Exemplo: PRECISA [pex'sizɐ];

f) *Migração* – consiste na mudança do segundo elemento do encontro, que deixa de ocorrer em posição interna e passa a ocupar a posição inicial da palavra, de modo que o encontro passa a figurar em outra sílaba. - Exemplo: DEGRAU [dre'gaw].

Teixeira (2009) assume que os estágios implementacionais, embora descrevam, de modo geral, uma sequência de implementações dos padrões realizacionais, não são mutuamente excludentes, o que implica dizer que estratégias diferentes podem ocorrer simultaneamente na fala de algumas crianças.

A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para seleção dos participantes, coleta e análise dos dados.

3 METODOLOGIA

Com intuito de chegarmos às respostas para os questionamentos propostos em nossa pesquisa, desenvolvemos um estudo descritivo para tratar acerca do percurso fonológico seguido pelas crianças durante a aquisição da linguagem, mais especificamente durante a aquisição dos *onsets* complexos.

O estudo foi desenvolvido com 28 crianças de duas escolas de educação infantil da cidade de Fortaleza-CE³. Selecionamos 14 meninos e 14 meninas, divididos em 7 faixas etárias, na qual a primeira inclui crianças de 2 anos até 2 anos e 6 meses; a segunda, crianças de 2 anos e 6 meses até 3 anos; a terceira, crianças de 3 anos até 3 anos e 6 meses; e assim sucessivamente até a última faixa-etária, a 7, que inclui crianças de 5 anos até 5 anos e 6 meses, segundo exposto no Quadro 2.

³ Os dados apresentados neste artigo constituem um recorte dos resultados discutidos no estudo de Correia (2012).

Para cada faixa-etária, selecionamos quatro crianças, sendo duas do sexo feminino e duas do sexo masculino. Além disso, levamos em consideração o desenvolvimento fonológico normal das crianças e a variável socioescolar na qual os pais dos sujeitos da pesquisa estão inseridos.

Quadro 2 - Códigos de informantes e grupos, de acordo com suas idades e faixas-etárias.

INFORMANTES	GRUPO	FAIXA-ETÁRIA	IDADE (ANOS:MESES)
S01, S02, S03, S04	G1	1	2:0 – 2:6
S05, S06, S07, S08	G2	2	2:6 – 3:0
S09, S10, S11, S12	G3	3	3:0 – 3:6
S13, S14, S15, S16	G4	4	3:6 – 4:0
S17, S18, S19, S20	G5	5	4:0 – 4:6
S21, S22, S23, S24	G6	6	4:6 – 5:0
S25, S26, S27, S28	G7	7	5:0 – 5:6

Fonte: Elaboração própria

Sob a necessidade de viabilizar nossa pesquisa, escolhemos duas escolas de ensino infantil de Fortaleza, que atingem o público da classe socioescolar A, isto é, escolas cujos pais dos alunos (um dos pais ou ambos) possuem ensino superior. As escolas recebem crianças com idade inferior a 2 anos e contam com um fonoaudiólogo no seu quadro de profissionais.

Desse modo, para a seleção das crianças, contamos com o auxílio tanto do fonoaudiólogo da escola quanto dos professores responsáveis pelas turmas; de modo que o fonoaudiólogo nos auxiliou apontando crianças que não apresentassem nenhum distúrbio fonológico, enquanto os professores de cada turma nos indicaram as crianças mais acessíveis para a realização desse tipo de pesquisa, isto é, as crianças mais dispostas a colaborar.

A coleta de dados foi feita transversalmente. Para tal, utilizamos um instrumento de testagem fonológico desenvolvido por nós, especificamente para a realização de tal coleta. O instrumento conta com 38 figuras coloridas, apresentadas em tamanho A4, para a eliciação de 47 palavras por nomeação espontânea. Todas as palavras contam com a presença da sílaba complexa em sua estrutura, seja do tipo C + /r/ (39 ocorrências), seja do tipo C + /l/ (8 ocorrências). Além disso, a ocorrência da estrutura CCV se dá tanto em posição inicial quanto medial a depender da palavra, sendo o número de ocorrências, respectivamente, 29 e 18.

Destarte, cada sujeito informante foi submetido ao teste em questão uma única vez, em uma sessão que durou, em média, 8 minutos. As sessões foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e analisadas.

Além das figuras, o instrumento conta com uma tabela onde todas as palavras-alvo estão grafadas, contendo espaço tanto para o preenchimento da transcrição fonológica alvo, quanto para o preenchimento da transcrição fonológica de cada criança, assim como para anotações de eventuais observações que a pesquisadora viesse a fazer durante o momento da coleta.

Após a realização da coleta de dados, a transcrição fonológica dos dados e a conferência de tais transcrições, realizamos uma triagem para que fossem selecionados apenas os enunciados de interesse da pesquisa. Assim, nosso *corpus* contou com dados de áudio de 1.316 palavras enunciadas.

Ressaltamos que os dados foram transcritos, inicialmente, por dois transcritores e, para evitar a ocorrência de disparidades entre as transcrições, foram realizados, periodicamente, testes de confiabilidade, de modo que os transcritores se reuniram quinzenalmente para ouvirem juntos algumas sessões de coletas de dados e fazerem as transcrições destes, sem que um visse a anotação do outro, até que, ao final, as transcrições eram comparadas e as possíveis dúvidas dirimidas. Os dados que, ao final dos testes de confiabilidade, permaneceram duvidosos foram transcritos por um terceiro transcritor.

Em seguida, os dados foram computados, tabulados e transformados em gráficos, a fim de que pudéssemos identificar as produções dos elementos-alvos, assim como os processos fonológicos e as estratégias implementacionais mais utilizadas, além dos padrões realizacionais.

Tal tabulação permitiu que realizássemos uma análise quantitativa que revelou quais as estratégias implementacionais mais utilizadas durante a aquisição dos *onsets* complexos, assim como uma análise individual e grupal, na qual contabilizamos as ocorrências de cada estratégia implementacional do processo fonológico de Simplificação do Encontro Consonantal, do mesmo modo que as realizações dos *onsets* complexos produzidos conforme o alvo-adulto.

Por fim, descrevemos os dados e chegamos aos resultados, que foram confrontados com resultados de outras pesquisas que tratam acerca da aquisição dos *onsets* complexos.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

No grupo G1 (faixa-etária 2:0 a 2:6), obtivemos dados que indicaram que duas estratégias foram utilizadas pelas crianças na implementação da *onset* complexo do tipo C + /r/, sendo elas: Elisão e Confusão; porém, observamos ainda que a estratégia de Confusão apareceu na fala dessas crianças em números extremamente baixos, sendo seu percentual de ocorrência de apenas 2% neste grupo. Por outro lado, a estratégia de Elisão teve grande recorrência no falar das crianças de G1, aparecendo em 92% das ocorrências de fala registradas. Apontamos também que para a produção-alvo de C + /r/ no referido grupo apareceu em números muito pequenos, totalizando um percentual de 6% nas ocorrências.

Quanto às estratégias implementacionais utilizadas pelas crianças de G1 na aquisição do *onset* complexo C + /l/, os resultados apontaram o uso de três delas: Elisão, Semivocalização e Migração. Assim como ocorre em C + /r/, a Elisão foi a estratégia que apareceu com maior frequência na fala das crianças desse primeiro grupo, estando presente em 72% das ocorrências de fala registradas, sendo, portanto, as estratégias de Semivocalização e Migração presentes na fala das crianças informantes de modo pouco recorrente, representando, cada uma, um percentual de 3%. Quanto à produção-alvo de C + /l/, o percentual em G1 foi de 22%,

um número alto, se comparado aos 6% da produção-alvo de C + /r/ neste mesmo grupo; contudo, 22% ainda indica um número baixo para a produção esperada em vista do grande número de implementações realizadas.

O gráfico que segue mostra os percentuais dos padrões de ocorrência utilizados nos dois tipos de *onsets* complexos apontados, no grupo G1, mostrando as estratégias mais utilizadas pelas crianças do grupo em questão na aquisição de C + /r/ em comparação a C + /l/.

Percebemos, a partir do Gráfico 1, que as implementações feitas pelas crianças de G1 seguem o mesmo padrão de realização quando comparamos os dados obtidos quanto ao uso das estratégias implementacionais em C + /r/ e em C + /l/, de modo que a estratégia de Elisão foi a mais recorrente, independentemente do tipo de *onset* complexo analisado.

Gráfico 1 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G1



Fonte: Elaboração própria

Quanto aos dados coletados das crianças integrantes de G2 (faixa-etária 2:6 e 3:0), três estratégias foram utilizadas pelas crianças na implementação de C + /r/, sendo elas: Elisão, Confusão e Migração; esta última, entretanto, teve um número de ocorrência mínimo, totalizando somente 1% do percentual de ocorrência das estratégias implementacionais em C + /r/. Do mesmo modo, a estratégia de Confusão também apareceu na fala das crianças desse grupo em números muito baixos, sendo seu percentual de ocorrência 8%.

De forma diferente, a estratégia de Elisão se repetiu diversas vezes no falar das crianças de G2 e, assim como aconteceu em G1, foi a estratégia mais recorrente, aparecendo em 75% das ocorrências de fala registradas. Em relação à produção-alvo de C + /r/, esta totalizou um percentual de 16% nas ocorrências de fala do referido grupo.

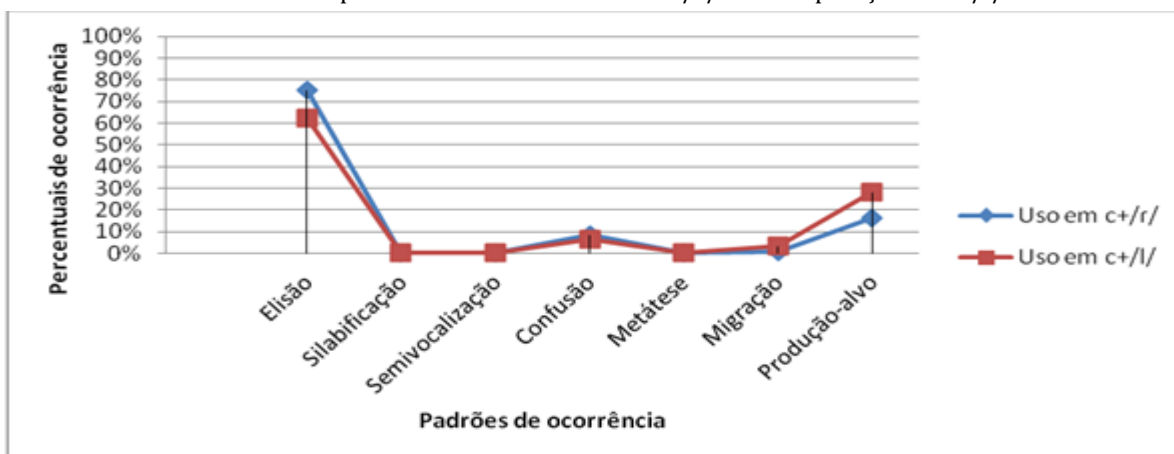
Em se tratando das estratégias implementacionais utilizadas pelas crianças do grupo G2 na aquisição de C + /l/, os resultados apontam o uso de três delas: Elisão, Confusão e Migração. Assim como em C + /r/, a Elisão foi a estratégia mais recorrente na fala dessas crianças, estando presente em 63% das ocorrências de fala registradas no grupo, sendo, por conseguinte, as estratégias de Confusão e Migração

presentes na fala das crianças de forma pouco recorrente, de tal modo que a estratégia de Confusão representa um percentual de 6% e a estratégia de Migração representa um percentual de 3% em G2.

Quanto à produção-alvo de C + /r/, o percentual em G2 foi de 28%, sendo assim, em tal grupo, o número percentual de ocorrências da produção-alvo foi baixo, da mesma maneira que aconteceu em G1. De todo modo, se compararmos os percentuais dos dois grupos, G1 e G2, perceberemos que o percentual de ocorrências da produção-alvo de C + /r/ é maior em G2, sem falar que mais informantes do referido grupo atingiram a produção-alvo.

Para melhor visualizarmos a comparação dos percentuais estabelecidos, apresentamos o Gráfico 2, que, a exemplo do Gráfico 1, mostra as estratégias implementacionais mais utilizadas pelas crianças na aquisição de C + /r/ em comparação a C + /l/, porém, nesse caso, em G2. Notamos, a partir do Gráfico 2, que as implementações feitas pelas crianças de G2, assim como ocorreu em G1, seguiram o mesmo padrão de realização quando comparamos as implementações em C + /r/ e em C + /l/, sendo a estratégia de Elisão a mais recorrente, independentemente do tipo de *onset* complexo implementado.

Gráfico 2 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G2



Fonte: Elaboração própria

A próxima faixa-etária analisada foi a terceira, G3 (faixa-etária 3:0 – 3:6), na qual os resultados apontaram que as crianças utilizaram três estratégias para implementar o *onset* complexo do tipo C + /r/, tais estratégias foram: Elisão, Confusão e Migração. Como nos grupos G1 e G2, anteriormente analisados, a estratégia de Elisão foi predominante também na fala das crianças deste grupo, de modo que mais da metade dos registros de fala de G3 apresentaram a ocorrência da estratégia de Elisão, num total percentual de 51%, tendo ocorrido na fala de todas as crianças do grupo.

A estratégia de Confusão também teve um percentual considerável, se estabelecermos que o número de ocorrências de tal estratégia se aproximou bastante do número de vezes que a produção-alvo de C + /r/ foi realizada pelas crianças que compuseram o grupo G3. Assim, o percentual de ocorrência da

estratégia de Confusão foi de 21%, aproximando-se do número percentual de ocorrência da produção-alvo, que foi de 22%. Por outro lado, a estratégia de Migração teve uma pequena recorrência no falar das crianças informantes do grupo G3, estando presente em 5% das ocorrências de fala registradas.

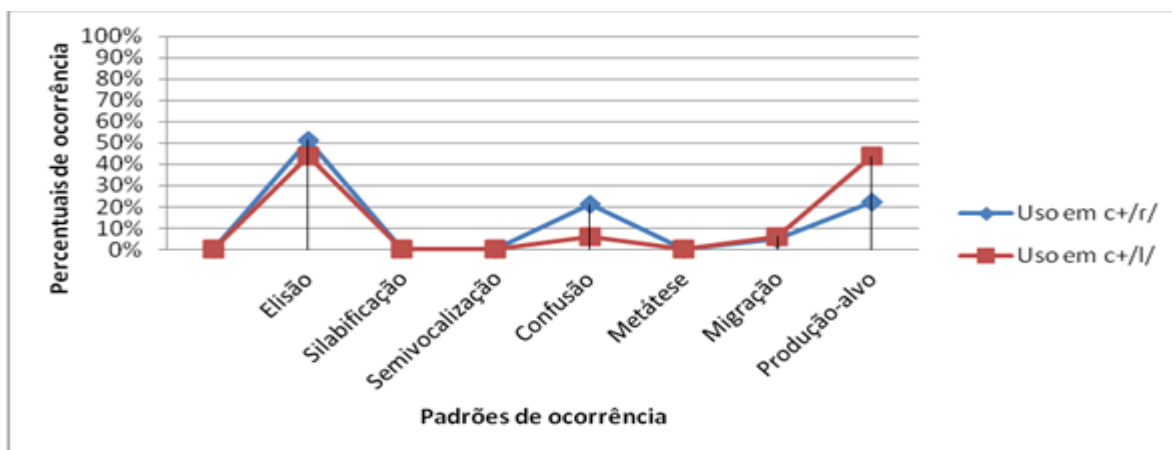
Quanto às estratégias utilizadas pelas crianças de G3 na aquisição de C + /l/, os resultados também apontaram o uso de três delas, as mesmas utilizadas na implementação de C + /r/: Elisão, Confusão e Migração.

Assim como em C + /r/, a Elisão foi a estratégia que apareceu com maior frequência na fala das crianças de G3, porém, tal estratégia apresentou um número de ocorrência menor em C + /l/ se comparado a C + /r/, aparecendo em 44% das ocorrências de fala registradas nesse grupo. Já as estratégias de Confusão e Migração aconteceram na fala das crianças de G3 de maneira pouco recorrente, estando presentes, cada uma delas, em 6% das ocorrências registradas.

Em relação à produção-alvo de C + /l/ em G3, o total percentual de ocorrências cresceu nesse grupo se compararmos a G1 e G2, cujos percentuais de realização da produção-alvo foram de 22% e 28%, respectivamente; houve salto nos números, pois em G3 esse percentual chegou a 44%, estando equiparado ao número percentual de ocorrências da estratégia de Elisão que, até então, aparecia nos resultados como absoluta se comparada a todas as outras estratégias consideradas neste trabalho, assim como à realização da produção-alvo.

No intuito de observarmos a comparação dos percentuais estabelecidos, apresentamos o Gráfico 3, que compara as estratégias mais utilizadas pelas crianças do grupo G3 na aquisição C + /r/ e C + /l/. De acordo com o Gráfico 3, assim como aconteceu com as crianças dos grupos G1 e G2, as crianças de G3 realizam implementações parecidas quando da produção de C + /r/ e de C + /l/; embora em números distintos, os gráficos que mostram ainda que o uso das estratégias implementacionais na produção de C + /r/ se assemelhou muito ao gráfico que apresenta o uso das estratégias implementacionais na produção de C + /l/. Nesse caso, a estratégia de Elisão apareceu como a mais recorrente em ambos os tipos de *onsets* complexos, porém, na implementação de C + /r/, a estratégia de Confusão também apareceu em número significativo.

Gráfico 3 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G3



Fonte: Elaboração própria

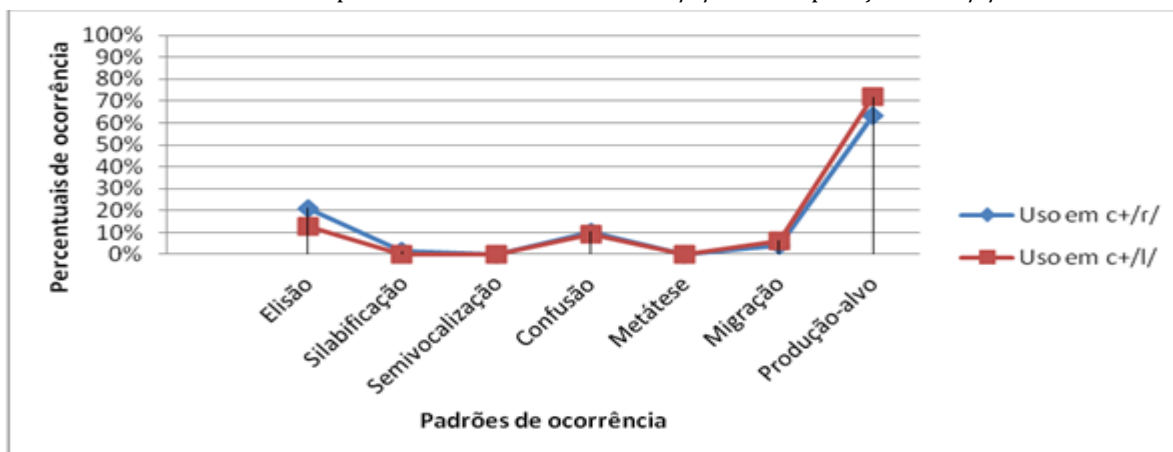
No grupo G4 (faixa-etária 3:6 e 4:0), obtivemos os dados que apresentaram que quatro estratégias foram utilizadas na implementação de C + /r/, sendo elas: Elisão, Silabificação, Confusão e Migração. No entanto, ressaltamos que a ocorrência da estratégia de Silabificação foi mínima, totalizando, ao final da tabulação dos dados, um percentual muito baixo de 1%. As estratégias de Confusão e Migração foram mais frequentes que a estratégia de Silabificação, porém, também indicam percentuais baixos, de modo que a estratégia de Confusão apresentou um percentual de ocorrência de 10% e a estratégia de Migração, de 4%. Já a Elisão foi a estratégia implementacional mais recorrente na fala das crianças de G4, entretanto, houve redução considerável no percentual de ocorrência dessa estratégia em relação ao G3, uma vez que em G3, o percentual de ocorrência dessa estratégia passava de 50%, já em G4, esse número foi bem inferior, alcançando 21% das ocorrências registradas nesse grupo.

Em contrapartida, ao passo que o número de estratégias utilizadas na implementação das sílabas complexas diminuiu, houve um aumento nas realizações da produção-alvo. No caso de G4, isso ficou evidente, se comparado aos grupos anteriormente analisados, uma vez que em G4, esse número cresceu consideravelmente, pois o percentual de realização da produção-alvo de C + /r/ alcançou 63% nos registros de fala dos informantes.

Em relação às estratégias utilizadas pelas crianças do grupo G4 na implementação de tipo C + /l/, os dados apontaram o uso de três delas: Elisão, Confusão e Migração. O percentual de estratégias utilizadas para implementar C + /l/ apareceu em número bem inferior em G4 se comparado a G1, G2 e G3, de modo que a estratégia de Elisão apareceu em 13% das ocorrências de fala registradas, a estratégia de Confusão esteve presente em 9% das realizações e a estratégia de Migração, em 6%.

A mesma queda nos números percentuais aconteceu com as estratégias utilizadas para implementar C + /r/. Assim, em G4, a porcentagem de realização da produção-alvo de C + /l/ chegou a 72%, enquanto nos grupos anteriormente analisados, o percentual apontado não chegou sequer a 50%.

O Gráfico 4 apresenta a comparação das estratégias implementacionais mais utilizadas pelas crianças de G4 na implementação de C + /r/ e C + /l/. Os registros de fala das crianças do grupo G4 apresentaram números percentuais bem diferentes de G1, G2 e G3.

Gráfico 4 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G4.

Fonte: Elaboração própria

As linhas gráficas apresentadas seguem os mesmos caminhos, assim, embora as implementações das sílabas complexas em G4 tenham sido menos frequentes que nos outros três grupos já analisados, os padrões de uso das estratégias, assim como das realizações da produção-alvo, foram muito semelhantes se compararmos tais dados na produção de C + /r/ e C + /l/, o que pode indicar a existência de aspectos gradativos, de modo que, apesar da existência de variabilidades individuais na aquisição, existem também padrões aquisicionais seguidos pelas crianças. Ademais, como nos grupos G1, G2 e G3, as estratégias de Elisão e de Confusão foram, em G4, as mais recorrentes, independentemente do tipo de sílaba complexa implementada, porém, nesse caso, em baixa escala.

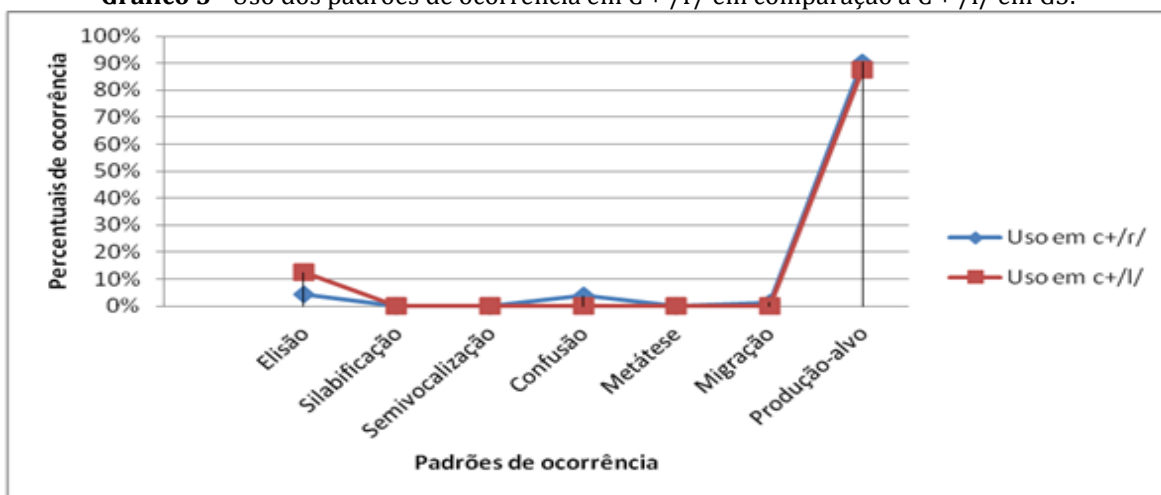
Os dados das crianças de G5 (4:0 – 4:6) mostraram que as estratégias de Elisão, Confusão e Migração foram utilizadas para implementar C + /r/, contudo, os percentuais de ocorrência das três estratégias foram baixíssimos, sobretudo se comparados aos números dos outros grupos analisados até então, principalmente os três primeiros, G1, G2 e G3. Desse modo, apontamos que a estratégia de Elisão, muito recorrente nos outros grupos já analisados, em G5, apareceu nos registros de fala de apenas 4% do total de ocorrências. Da mesma forma, a estratégia de Confusão, que em G3 chegou a ser a segunda estratégia utilizada significativamente, alcançando o percentual de 21% na implementação de C + /r/, em G5, esteve presente nos registros de fala de apenas 4% das realizações do grupo. A terceira estratégia apontada, Migração, também apareceu na fala das crianças de G5 em números muito baixos, sendo seu percentual de ocorrência de apenas 1%.

Por outro lado, a produção-alvo de C + /r/ chegou a números bastante altos, totalizando um percentual de 90% nas ocorrências totais desse grupo, caracterizando, inclusive, C + /r/ como sílaba complexa adquirida nessa faixa-etária.

Quanto às estratégias utilizadas pelas crianças de G5 na aquisição de C + /l/, os resultados apontaram o uso de apenas uma das seis estratégias consideradas em nossa análise, a estratégia de Elisão. A referida estratégia totalizou percentual de ocorrência de 13%, enquanto o percentual de realização da produção-alvo de C + /l/ nesse mesmo grupo atingiu 88%.

O Gráfico 5 apresenta a comparação das estratégias mais utilizadas pelas crianças do grupo G5 na implementação de C + /r/ e C + /l/. Os gráficos apresentados são extremamente parecidos, mostrando que tanto a ocorrência das implementações quanto as realizações da produção-alvo foram muito semelhantes nos dois tipos de *onsets* complexos pesquisados.

Gráfico 5 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G5.



Fonte: Elaboração própria

Em G5, como já apontamos anteriormente, as estratégias implementacionais apareceram na fala das crianças de maneira muito baixa, dessa forma, consideramos que o percentual de realização da produção-alvo, em ambos os tipos de *onsets* complexos investigados, acima de 85%, indicou que, segundo os nossos critérios estabelecidos no estudo, as crianças do grupo G5 já haviam adquirido tanto C + /r/, quanto C + /l/.

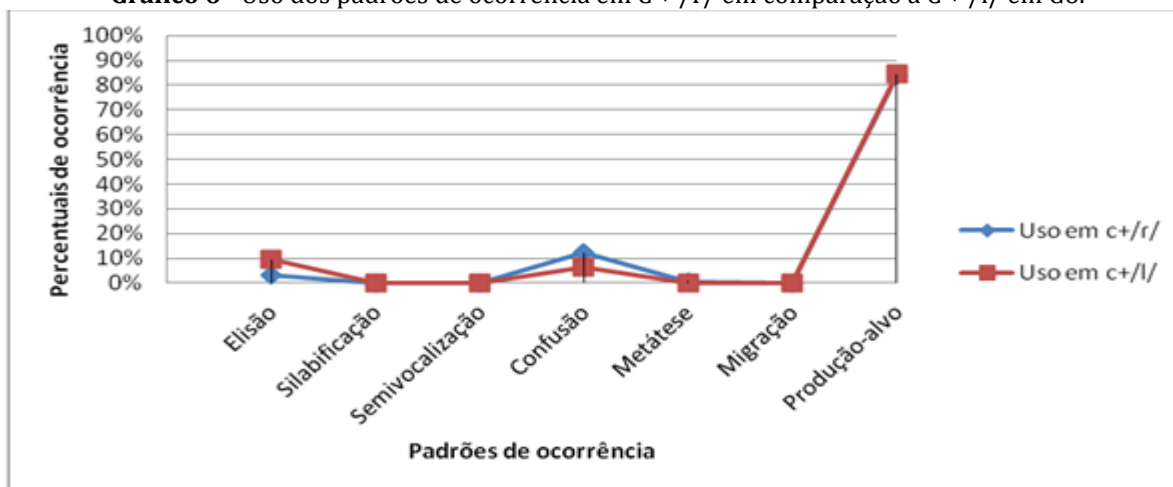
O próximo grupo analisado foi G6 (faixa-etária 4:6 – 5:0), cujos dados mostraram que três estratégias implementacionais foram utilizadas na implementação de C + /r/: Elisão, Confusão e Metátese. Contudo, a ocorrência da estratégia de Metátese foi mínima nesse grupo, totalizando, ao final da tabulação dos dados, um percentual de 1%. A estratégia de Elisão também teve um percentual de ocorrência muito baixo, aparecendo em apenas 3% das ocorrências registradas. A estratégia mais recorrente nesse grupo foi a Confusão, apresentando um percentual de ocorrência de 12%.

Tais números representam um baixo percentual de ocorrências, sendo, pois, o percentual de realizações da produção-alvo de C + /r/ de 84% em G6, resultado pouco inferior ao mesmo dado do grupo G5, como analisado anteriormente.

Em relação às estratégias utilizadas pelas crianças de G6 na implementação de C + /l/, os dados apontaram o uso de Elisão e Confusão. Os percentuais de ocorrência dessas duas estratégias na implementação de C + /l/ foram de 9% e 6%, respectivamente, percentuais baixos. Em contrapartida, o percentual de realizações da produção-alvo de C + /l/ foi de 84%, o que indica um percentual um pouco inferior ao mesmo dado do grupo G5.

O Gráfico 6 apresenta a comparação dos percentuais estabelecidos. Assim, o referido gráfico traz informações acerca das estratégias implementacionais mais utilizadas pelas crianças do grupo G6 na aquisição de C + /r/ e C + /l/. A partir da observação do Gráfico 6, percebemos que tanto a frequência em que as implementações ocorrem, quanto a recorrência da produção-alvo são muito semelhantes nos dois tipos de *onsets* complexos considerados.

Gráfico 6 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G6.



Fonte: Elaboração própria

Em G6, as estratégias implementacionais apareceram na fala das crianças de maneira muito baixa, como indicado anteriormente, contudo, embora consideremos que o grande percentual de realização da produção-alvo em G6 indique que as crianças desse grupo já haviam adquirido tanto C + /r/, quanto C + /l/, em ambos os tipos de *onsets* complexos apresentados, houve uma redução no percentual de realização da produção-alvo se comparados aos dados do grupo G5.

Os dados do último grupo, G7 (faixa-etária 5:0 – 5:6), mostraram que três estratégias foram utilizadas na implementação de C + /r/: Elisão, Confusão e

Migração; entretanto, as três tiveram um número de ocorrência mínimo, estando presentes na fala das crianças de maneira muito baixa, de modo que a estratégia de Elisão representou 2% das ocorrências, Confusão representou 1% e Migração apareceu em apenas 3%.

Por outro lado, o número de realizações da produção-alvo cresceu se comparado a todos os grupos anteriores. Lembramos que em G5, o percentual de realizações da produção-alvo de C + /r/ alcançou os 90%, tendo diminuído para 84% no grupo G6. Em G7, esse percentual ascendeu novamente, chegando ao número de 94%. De qualquer modo, o percentual superior a 80% das ocorrências da produção-alvo em duas faixas etárias consecutivas determinou a aquisição da sílaba complexa, conforme critérios estabelecidos na pesquisa. Assim, tais resultados justificam a aquisição de C + /r/ estabilizada no grupo G5.

Em se tratando das estratégias utilizadas pelas crianças na aquisição de C + /l/ no grupo G7, os resultados apontaram o uso de Elisão e Confusão, sendo que ambas representaram um percentual de ocorrência de 3% em G7.

Quanto à produção-alvo de C + /l/, o percentual em G7 foi de 94%, sendo assim, em tal grupo, o número percentual de ocorrências da produção-alvo foi alto, caracterizando o grupo como formado por crianças que já adquiriram C + /l/, como ocorre com os grupos G5 e G6, que atingiram, para esse dado, os percentuais de 88% e 84%, respectivamente, como exposto. Ressaltamos que, assim como ocorreu na aquisição de C + /r/, houve presença de uma curva em U⁴ também na aquisição de C + /l/.

O Gráfico 7 apresenta a comparação das estratégias mais utilizadas na implementação de C + /r/ e C + /l/. Dessa forma, podemos observar que os registros de fala das crianças do grupo G7 apresentaram percentuais baixíssimos de uso de estratégias implementacionais, ao contrário do que ocorreu com as realizações das produções-alvo de C + /r/ e de C + /l/, de modo que as linhas do Gráfico 7 seguem, notadamente, o mesmo caminho, o que mostra que os padrões de uso das implementações, assim como as realizações da produção-alvo, foram muito semelhantes, se compararmos as implementações realizadas e as produções-alvo em C + /r/ e em C + /l/.

⁴ A “curva em U” é caracterizada por um decréscimo no desempenho linguístico infantil em certos momentos do desenvolvimento seguido de um novo crescimento até sua estabilização (LAMPRECHT, 2004), assim, uma “curva em U”, em termos fonológicos, é um momento de regressão no desenvolvimento fonológico.

Gráfico 7 - Uso dos padrões de ocorrência em C + /r/ em comparação a C + /l/ em G7.

Fonte: Elaboração própria

Dessa maneira, tendo em vista a solução de nosso primeiro questionamento - Quais as estratégias implementacionais mais utilizadas pelas crianças na aquisição do *onset* complexo C + /r/ em comparação ao *onset* C + /l/ em cada faixa-etária estudada?, após a análise dos dados, chegamos a resultados que indicam que as crianças empregam com maior frequência a Elisão do segundo elemento da sílaba complexa, tanto em C + /r/ quanto em C + /l/, sobretudo nos grupos G1, G2 e G3, cujo número de implementações com uso das estratégia consideradas em nossa análise superou o número de realizações da produção-alvo. Em G4, G5, G6 e G7, os percentuais de ocorrência de implementações foram inferiores aos de realizações da produção-alvo para os dois tipos de sílabas complexas investigadas. Ressaltamos, ainda, que apenas na implementação de C + /r/, no grupo G6, uma outra estratégia implementacional, no caso a estratégia de Confusão, tem um percentual de uso maior que o da estratégia de Elisão.

Assim, objetivamente, nossas análises indicaram a Elisão do segundo elemento do encontro consonantal como estratégia implementacional mais utilizada pelas crianças na implementação do processo fonológico de simplificação do encontro consonantal em ambos os tipos de sílabas complexas pesquisadas. Tais resultados corroboram os achados de outras pesquisas sobre a aquisição de *onsets* complexos (ÁVILA, 2000; BAESSO (2009); MIRANDA, 2007; RIBAS, 2002; STAUDT, 2008). Vale ressaltar que, até o presente momento, não há indícios de pesquisas sobre a aquisição fonológica típica da sílaba complexa em nosso país que aponte uma estratégia diferente da Elisão do segundo elemento do encontro consonantal como sendo a mais utilizada na implementação do tipo silábico CCV.

Em relação ao segundo questionamento - Há diferença no ritmo aquisicional do *onset* C + /r/ em comparação ao C + /l/ nas faixas etárias investigadas? -, encontramos resultados que indicam não haver diferença no ritmo aquisicional de C + /r/ em comparação a C + /l/ nas faixas-etárias investigadas. De acordo com o que pudemos observar nos gráficos analisados, afirmamos que não existe uma diferença temporal na aquisição de C + /r/ em comparação a C + /l/, pelo contrário, o que nos foi possível constatar é que as sílabas complexas dos dois tipos são

adquiridas e percebidas na fala das crianças quando estas alcançam a mesma faixa-etária, no caso, a que compreende os 4 anos e 4 anos e meio de idade.

Há pesquisas sobre a aquisição fonológica típica das sílabas complexas em nosso país que apontam resultados que coincidem com os obtidos em nosso estudo (RIBAS, 2002; STAUDT, 2008). Já pesquisadores como Dórea (1998) e Ávila (2000) indicaram em seus estudos que a aquisição de C + /l/ se dá anteriormente à aquisição de C + /r/. Ambas as pesquisadoras justificaram tal ocorrência no fato de ser a consoante líquida lateral adquirida anteriormente à líquida não-lateral, portanto, o fato de no encontro consonantal o mesmo acontecer não seria surpreendente, mas sim, segundo elas, esperado. Contudo, em nosso estudo, concluímos que as crianças parecem lidar com a complexidade da estrutura silábica CCV em si, e não com sequências de segmentos considerados mais fáceis ou mais difíceis.

5 CONCLUSÕES

Neste trabalho, buscamos contribuir para uma melhor compreensão de como se dá a aquisição fonológica típica de crianças de Fortaleza, falantes do português como língua materna, sobretudo no que diz respeito aos *onsets* complexos, tendo como base a descrição de processo fonológico de Simplificação do Encontro Consonantal e suas estratégias implementacionais.

Os resultados apresentados neste artigo apontam a Elisão do segundo elemento do encontro consonantal como a estratégia implementacional empregada com maior frequência pelas crianças durante a aquisição dos *onsets* complexos C + /r/ e C + /l/. Além disso, o estudo não estabelece diferença temporal na aplicação do processo de simplificação do encontro consonantal e de suas estratégias, independentemente do tipo de encontro, se C + /r/ ou C + /l/. Além disso, os resultados indicam que entre 4:0 e 4:6, as crianças descartam as estratégias implementacionais referentes ao processo fonológico de Simplificação do Encontro Consonantal na aquisição de *onsets* complexos.

Podemos dizer, ainda, que os dados descritos não somente nos ajudam a compreender como se dá a aquisição do *onset* complexo no português, mas, também, podem auxiliar na identificação e diagnóstico da aquisição fonológica atípica, considerando que poderá funcionar como suporte para os fonoaudiólogos em tratamentos nos casos de transtornos fonológicos.

Os dados da pesquisa também poderão ser úteis a professores de língua portuguesa, em especial a alfabetizadores, especialmente por sabermos que os processos fonológicos e, conseqüentemente, às estratégias implementacionais, longe de serem exclusivos da aquisição oral, pelo contrário, são elementos presentes no processo de aquisição de leitura e escrita (PEPE, 2010; MELO, 2011; QUEIROZ; CARVALHO, 2018). Desse modo, é importante entendermos que o processo de apropriação do sistema de escrita é também influenciado pelas relações entre o conhecimento fonológico e o sistema gráfico (MIRANDA, 2019).

Referências

ÁVILA, M. C. **A aquisição do ataque silábico complexo**: um estudo sobre crianças com idade entre 2;0 2 3;7. 2000. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

BAESSO, J. S. **O uso de estratégias de reparo nos constituintes coda e onset complexo por crianças com aquisição fonológica normal e desviante**. 2009. 152f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

CHOMSKY, N. **Language and mind**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

CORREIA, L. A. **O desenvolvimento da fonologia infantil**: a aquisição de *onsets* complexos. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2012.

DÓREA, R. S. **O processo de simplificação do encontro consonantal na aquisição fonológica do português**. 1998. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GRUNWELL, P. **Clinical Phonology**. London: Croom Helm, 1982.

ILHA, S. E. Os processos fonológicos na representação escrita de estruturas silábicas complexas do português brasileiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, p. 1-19. 2007.

INGRAM, D. **First language acquisition**: method, description and explanation. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LAMPRECHT, R. R. Antes de mais nada. In: LAMPRECHT, R. R. (org.). **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004. cap.1, p.17-32.

MELO, L. S. B. **A interferência de processos fonológicos na escrita de crianças disléxicas falantes do português**. 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Salvador, 2011.

MIRANDA, A. R. M. As sílabas complexas: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 3825 – 3848, abr/jun. 2019.

MIRANDA, C. C. M. **Aquisição e variação estruturada de encontros consonantais tautossilábicos**. 2007. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PEPE, V. P. S. **Dislexia e processos fonológicos**. 2010. 212f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

QUEIROZ, A. A. A.; CARVALHO, W. J. de. A. O desenvolvimento da escrita na pré-escola sob a perspectiva dos processos fonológicos. **Revista Amazônida**, v. 3, n. 1, 2018.

RIBAS, L. **Aquisição do onset complexo no português brasileiro**. 2002. 166f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

STAMPE, D. **A dissertation on natural phonology**. Tese de doutorado. Chicago, University of Chicago, 1973.

STAUDT, L. B. **Aquisição de onsets complexos por crianças de dois a cinco anos: um estudo longitudinal com base na Teoria da Otimidade**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

TEIXEIRA, E. R. Processos de simplificação fonológica como processos maturacionais em português. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.14, p. 53-63, jan/jun. 1988.

TEIXEIRA, E. R. **O processo de aquisição da fonologia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998.

TEIXEIRA, E. R. Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica na aquisição do português. In: RIBEIRO, S. S.; COSTA, S. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). **Dos sons às palavras**. Salvador: EDUFBA, p. 173-186, 2009.

TEIXEIRA, E. R. Os Processos de Simplificação Fonológica na Aquisição do Português. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 44. Salvador, Universidade Federal da Bahia, p. 13-48, (julho-dezembro 2011), 2014.

Para citar este artigo

CORREIA, L. de A.; CARVALHO, W. de A. Aquisição de onsets complexos em crianças com desenvolvimento fonológico típico. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 121-140.

Os autores

LÍDIA DE ALMEIDA CORREIA é Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

WILSON JÚNIOR DE ARAÚJO CARVALHO é doutor em Letras (UFBA) e professor associado do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.